



GRUBB, MISSIONÁRIO & ETNÓGRAFO NO CHACO PARAGUAIO

Hélio Rocha

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: heliorocha@unir.br

A feitiçaria deixaria de existir se não fossem as suas superstições, sustentadas por seus sonhos.

W. Barbrooke Grubb – *Unknown people in an unknown land*

RESUMO

Por que estudar o relato de um missionário escocês sobre os Lengua do chaco paraguaio, produzido no início do século XX, ainda é relevante na atualidade? Que motivações teria um pesquisador para empreender tal tarefa? Neste texto, apresenta-se o anglicano Wilfred Barbrooke Grubb (1865-1930) e o seu primeiro relato sobre a vida e os costumes dos Lengua. O objetivo é apresentar e tecer comentários sobre a obra de Grubb, bem como apontar para novos direcionamentos investigativos dessa prática colonialista espiritual na América do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Wilfred Barbrooke Grubb. Os Lengua. Chaco paraguaio. Colonialismo espiritual.

GRUBB, MISSIONARY & ETNOGRAPHER IN THE PARAGUAYAN CHACO

ABSTRACT

Why to study a work of travel writing produced by a Christian missionary on Indigenous people from Paraguayan Chaco? Is this important even nowadays? What stimulus should a researcher have to do such a thing? In this paper, I introduce Wilfred Barbrooke Grubb (1865-1930), an Anglican Missionary, who spent many years among Lengua people and wrote his first travel writing on Lengua's life and customs. The main objective is to do some comments on his book, as well as show new investigatives routes on this colonialist spiritual practice in South America.

KEYWORDS: Wilfred Barbrooke Grubb. Lengua people. Paraguayan Chaco. Spiritual Colonialism.

INTRODUÇÃO

Quais seriam as motivações para a realização de um processo tradutório de *An unknown people in an unknown land* (1911), de Wilfred Barbrooke Grubb (1865-1930), para

Revista Igarapé. Porto Velho (RO). V.12, N. 4, p. 39-51, 2019

o brasileiros, isto é, para o português brasileiro, mais de um século depois de sua primeira edição em Londres? Há pelo menos três motivações; a primeira delas, e a menos relevante, porém, muito importante para mim, é que Grubb nasceu exatamente cem anos antes do meu nascimento, e isso causou-me uma impressão emocional, para não dizer, uma certa fascinação pela vida austera, aventureira e bem gasta que Grubb levou. De fato, imaginei um missionário cristão frente a um campo praticamente “virgem” do *Gran Chaco* do Paraguai à catequização cristã, e, portanto, à “espera” – como acreditava Grubb – de um missionário anglicano da South America Missionary Society (Sociedade Missionária Sul-Americana).

A segunda motivação é uma ideia de progresso evidenciada no pensamento de Grubb – espreitada em seu relato – sobre a vida e os costumes dos Lengua, indígenas do Chaco Boreal, com quem Grubb conviveu de 1889 a 1921, quando retornou definitivamente para o Reino Unido. Cito Grubb.

Foi para essa terra estranha que fui enviado pela Sociedade Missionária Sul-Americana em 1889. Adolpho Henricksen tinha iniciado o trabalho missionário entre os Lengua, indígenas do Chaco da margem do rio Paraguai; e, quando de sua morte, fui nomeado, aos vinte e três anos de idade, para sucedê-lo. Nos últimos vinte anos, tenho vivido no interior do Chaco, de início a sós com os indígenas, sendo, posteriormente, acompanhado por ajudantes enviados pela Sociedade Missionária; mas o conteúdo deste relato tratará principalmente dos eventos e experiências dos primeiros anos da minha estadia entre alguns grupos nativos do Chaco e entre os Lengua em particular. (GRUBB, 1911, p. 19)¹.

A terceira motivação – o que não quer dizer que seja a última – é um desdobramento da segunda. Explico. Foi o desejo ardente de Grubb de tornar-se o primeiro explorador e missionário a viver no interior do Chaco paraguaio com o objetivo de sedentarizar, catequizar e converter os nativos ao cristianismo. Para o missionário, isso era progresso. Na verdade, a certeza inabalável de Grubb de que os Lengua eram pagãos, me levou a pensar – em companhia da obra e pensamento de Lucien Lévy-Bruhl – no poder de uma ideia que julga e condena o Outro. O último capítulo de seu relato – “Paganismo *versus* Cristianismo” – comprova a acusação feita por Grubb aos Lengua, como justificativa de seu empreendimento colonialista espiritual no chaco boreal, o que não quer dizer que a finalidade da vivência de Grubb entre os Lengua não esteja suficientemente clara desde o primeiro capítulo de seu

¹ Todas as citações do relato de Grubb foram traduzidas pelo autor deste artigo.

relato. O subtítulo, inclusive, é uma sinopse do seu pensamento cristão e da sua ação metódica durante mais de vinte anos que viveu na América do Sul, especialmente, no interior do chaco, para conquistar e administrar os Lengua, não somente política e econômica, mas, principalmente, espiritualmente, ou seja, submeter esse povo ao cristianismo e – do ponto de vista ocidental – retirá-lo das trevas, do paganismo; acusação que rendeu bons frutos ao missionário, que recebeu, do governo paraguaio, o epíteto de “pacificador de los índios del chaco”.

O caráter heroico que geralmente se atribui a si mesmo adquire arestas de um verdadeiro épico, e, de fato, o fez digno de receber do governo paraguaio – de tradição católica – o honorável título de “pacificador dos indígenas do Chaco”, título que, ao mesmo tempo, o governo boliviano também concedeu. Esta “distinção” confirma o caráter do espaço disputado e sua representação liminar como área de fronteira indeterminada. (SPADAFORA & SIFFRED, 1998, p. 12).

No campo antropológico e literário, Grubb também obteve grande reconhecimento. *The Livingstone of South America* é uma biografia de Grubb escrita pelo Reverendo R. J. Hunt, numa alusão direta ao explorador e missionário britânico, David Livingstone (1813-1873), considerado o primeiro homem branco – tal qual Grubb – a explorar o interior da África.

Tanto Livingstone quanto Grubb eram naturais da Escócia e sabedores das ações “patrióticas” do Reino Unido em terras além-mar. O primeiro zarpa para a África. O segundo, para a América do Sul. Assim, conhecimento técnico e a crença no modelo de cultura ocidental para o mundo são postos a serviço do imperialismo britânico e, acirradamente, na luta contra outras formas de pensamento e cultura. Os conhecimentos de Grubb, adquiridos em relatos de seus predecessores e de outros missionários, o ajudaram a sobreviver no chaco, seja ajudando os nativos em momentos de ameaça de morte por doença, seja nas trapaças realizadas por ele, Grubb, para impressionar os nativos, quando demonstrava-lhes algo que, aos olhos dos últimos, era possuidor de poderes sobrenaturais, portanto, só poderia ser visto como um grande feiticeiro e, obviamente, ser respeitado.

O respeito conquistado por Grubb entre os nativos está relatado, de forma heroica, em várias obras escritas por seus contemporâneos e amigos. Muitos, contudo, são trechos de narrativas registradas pelo próprio Grubb em suas três obras principais: *Among the Indians of*

the Paraguayan chaco (1904), *Un unknown people in an umknown land* (1911) e *A church in the wilds* (1925).



W. Barbrooke Grubb
Fonte: *The Livingstone of South America*

Uttermost part of the Earth, de E. Lucas Bridge, traduzido para o espanhol da Argentina por Elena Cruz de Schwelm como *El último confín de la Tierra* (1952), relata um pouco da vida de Grubb; de sua chegada à Terra do Fogo e de seu namoro e casamento, etc. com María, irmã de Bridge, autor dessa obra literária. Já o livro *Barbrooke Grubb, the pathfinder*, de Norman J. Davidson, narra “uma vida de coragem e resistência nobre gasta entre os selvagens da América do Sul”, como esclarece o subtítulo, que deixa transparecer que Grubb não “conviveu com”, nem “dialogou com”, mas sobre os Lengua. A prática missionária e etnográfica de Grubb demonstra a sua relação de poder no contexto da interação com a outra cultura, com as descrições desdenhosas dos hábitos e costumes dos Lengua. Entretanto, não me refiro simplesmente ao fato de Grubb situar a cultura dos Lengua em suas descrições e análises, mas à questão: *como* o faz e *com que finalidade*?

Apesar do objetivo deste texto não ser a tessitura de uma crítica aos discursos grubbianos – isso demandaria um estudo mais aprofundado e meticuloso – pontuarei os

Revista Igarapé. Porto Velho (RO). V.12, N. 4, p. 39-51, 2019

passos de Grubb na sua ânsia de demonstrar a luta “nobre” para eliminar a suposta irracionalidade do nativo que, a seu ver, é uma criança. Para Grubb, como para qualquer outro viajante europeu que o precedeu, “o indígena é, essencialmente, uma criança, só que uma criança crescida, e, levando uma vida livre e sem restrições pode se mostrar uma criança perigosa em alguns momentos”. (1911, p. 217). Esse preconceito deplorável de Grubb pode ser justificado se levarmos em consideração que a sua formação era ocidental, e, como todo *new-comer* às terras sul-americanas, acredita que um olhar de relance para o Outro, para a sua vida e para os costumes é suficiente para compreendê-lo.

Sobre essa questão da pretensão de sabichão do viajante, o próprio Grubb pondera:

Muitos outros, além dos missionários, de forma perspicaz, reconhecem a atitude tomada frequentemente pelo recém-chegado, que olha em volta com um ar de superioridade e poder, e imagina que, num olhar de relance, vê os pontos fracos e a explicação das fragilidades. Com muita frequência, encontramos viajantes que dedicam alguns meses numa visita rápida a algumas instituições de um país grande e populoso, e ali escrevem e dão palestras com o máximo possível de garantia do que dizem; e, o que é estranho, as pessoas prestam a maior atenção às suas observações. Provavelmente, ele seja absolutamente sincero e, em sua ignorância, acredita firmemente que desvendou todos os pontos importantes. (GRUBB, 1911, p. 224).

Como a cultura de Grubb, porém, o ensinara a olhar o mundo com a razão, em que os conceitos são as marcas de uma cultura superior, porque guiados pela ciência, pelo racionalismo, deixando fora desse olhar tudo o que não tiver explicação conceitual, ele olha e julga, julga e condena os Lengua. A cultura de Grubb é aquela em que “a *razão* (operador das combinações) e o progresso (entendido em sentido puramente intelectual) aparecem como os conceitos centrais destinados a representar e a explicar a natureza humana e seu desenvolvimento” GOLDMAN, 1994, p. 182). E, assim, guiado pelo etnocentrismo – pois projeta as categorias específicas de “seu mundo” sobre as outras culturas – os mal-entendidos acontecem, uma vez que há problemas na relação intercultural com os Lengua.

Em sua obstinação pelo trabalho missionário, Grubb adentra o interior do Chaco, explora e mapeia o espaço geográfico, faz croquis; estuda a língua e os costumes dos Lengua etc., entretanto, faz tudo isso para poder sedentarizar e catequizar os nativos, considerados pagãos, como dito anteriormente, mas, não sem a ajuda do governo do Paraguai.

Para Spadafora & Siffred (1998), Grubb é um verdadeiro esteta, que evoca as paisagens e o imaginário chaquenhos na tessitura de seu relato, cuja intenção não é poetizar as imensidões de terras, florestas e rios da América do Sul, que os seus contemporâneos definiam como espaços habitados por gente com chifres, pigmeus e gigantes. Todas essas evocações estão dispostas, como pinturas estão em qualquer pinacoteca do mundo, para assediar e tomar o espírito do observador. *Un unknown people* (1911) mostra que os nativos não veem o mundo com os mesmos olhos que os ocidentais, e, portanto, devem ser submetidos ao governo de pessoas que, verdadeiramente, são dotados de um espírito racionalista e que, portanto, devem e têm o direito de governar outros povos.

Como a região chaquenha estava entregue à barbárie, como Grubb a define, representava um imenso desafio tanto ao poder administrativo governamental e missioneiro, e, ao mesmo tempo, um ato de heroísmo por parte de Grubb, ao entrar no interior indômito e submeter os nativos ao cristianismo. Entretanto, o relato dessa epopeia traz marcas de um romantismo heroico de si mesmo em detrimento do Outro. A identificação de Grubb com Juan de Solís – explorador europeu do Rio da Prata – é uma dessas chaves interpretativas para o leitor crítico.

Por centenas de quilômetros a oeste rumo à Bolívia, ao norte até o Brasil e ao sul até a Argentina, estende-se uma vasta região quase totalmente entregue à barbárie. Como era na época em que Juan Díaz de Solís navegou o rio Prata, há quatro séculos, foi assim que entrei nas terras desse povo desconhecido e, em grande parte, continua assim até hoje. Crimes terríveis são cometidos diariamente nessa terra oculta do Chaco, atrocidades que, raramente, chegam ao conhecimento de seus vizinhos. (GRUBB, 1911, p. 18).

Há também um capítulo devotado ao atentado que o missionário sofreu. Poit, um Lengua, é acusado de ter tentado matar Grubb, que escapa de ser enterrado vivo. E ainda inúmeras outras passagens do relato em que Grubb se comporta com o verdadeiro herói, apesar de, muitas vezes, tratar-se de desentendimentos culturais. A disputa pelo poder de governar a vida alheia é a mola propulsora da narrativa de Grubb, levando-se em conta que há confrontações, coerções e negociações entre o missionário e os Lengua que, inovações para estes, são enredados nos estratagemas do missionário, com vistas ao alcance exitoso da sua prática cristã e a sua crença cega em uma única verdade, a Bíblia Sagrada. O capítulo XXII é

ilustrativo dessa afirmativa. “O professor e o aluno”, respectivamente, o cristão e o pagão, ou seja, o missionário e o indígena, ocupam posições assimétricas no diálogo, se é que se pode dizer que houve diálogo “com”, em vez de diálogo “sobre”. Guiado pelas palavras do apóstolo Paulo, a exortação aos hábitos e costumes dos Lengua é a tônica do capítulo.

Considerando-se que há material etnográfico suficiente para nutrir as reflexões teóricas sobre povos “primitivos” da América do Sul, é relevante afirmar que *Un unknown people* pode servir como um estudo de caráter histórico do chaco paraguaio e de seus habitantes nativos, bem como incitação a reflexões sobre alguns problemas atuais relativos aos embates nas/pelas terras indígenas e pela preservação de suas/nossas culturas. Não simplesmente por vaidade cultural, intelectual ou academicista, mas, por justiça e remissão de tantas atrocidades – se é que é possível – cometidas contra os ameríndios.

Essas reflexões podem nos levar a questionar o nosso próprio pensamento sobre nós mesmos; à reflexão sobre como agimos em relação a outros modos de pensamento, a outras culturas, a outras formas, hábitos e costumes; e a nos encorajar para fazer as denúncias da exploração, subjugação e extermínio de modos de ser diferentes do ocidental.

Em o seu relato, tem-se a produção do objeto e do saber sobre o chaco; de fato, um *corpus* etnográfico *sobre* e não *com* os Lengua. Essas informações são de grande significação sociológica não somente para estudiosos dessa área do conhecimento, mas para quem se interessa por estudos antropológicos. Todavia, pode-se apreender o conteúdo etnográfico positivo do relato sobre os Lengua? Qual o potencial etnográfico do relato de Grubb, já que era um ator entre outros atores em sua ação missionária, posto que a sua etnografia sobre os Lengua é uma produção intelectual realizada por esse ator social? Que esfera político-social ocupa esse viajante e explorador missionário na América do Sul e no Reino Unido?

Vale a pena insistir no valor e no sentido que um texto etnográfico como o de Grubb pode ter no quadro atual dos estudos culturais, pós-colonialista e antropológico – pelo menos – apesar de já existir vasto material etnográfico sobre os diversos povos ameríndios. No entanto, sobre os nativos do Chaco paraguaio, especificamente, sobre os Lengua, ou Enxlet, como se autodenominam, parece-me ser ainda necessário o estudo da obra e do pensamento de Grubb e das suas interpretações sobre a vida e os costumes desse povo chaquenho.

Para fins de conhecimento sobre o missionário anglicano, esclareço que

Ele começou sua carreira como catequista nas Ilhas Malvinas, e, durante cinco anos, realizou tarefas de evangelização entre os indígenas que eram levados da Tierra del Fuego para lá.

Foi em 1889 que Grubb viajou para o Paraguai para administrar uma estação missionária que pertencia à *Anglo Paraguayan Land Company* em Riacho Fernández. Mas Grubb sonhava mais alto. Foi o primeiro missioneiro britânico a adentrar o chaco paraguaio e iniciar a tarefa evangelizadora entre os Lengua, que eram caçadores e coletores nômades.

Em 1891, ele fundou a missão de Makthlawaiya e mandou construir uma igreja, uma escola, um hospital e algumas casas no estilo britânico. É nesse entorno que passam a viver os indígenas, que veem suas terras invadidas e administradas por estrangeiros.

A ideia de Grubb, como afirmada anteriormente, era deter o declínio dos Lengua; elevá-los a um nível de autogoverno por meio da mudança de sistema político – o que soa estranho –; retirá-los do nomadismo através da oferta de uma vida regular e sedentária, a fim de serem reconhecidos como cidadãos paraguaios pelo governo local. E ainda, o que Grubb acreditava ser a maior tarefa, retirá-los do paganismo, inculcando neles a ideia de uma vida cristã. Pelos seus feitos, Grubb se tornou membro honorário da Real Sociedade Geográfica Real de Londres, onde, no dia 18 de janeiro de 1900, apresentou a comunicação “The Boreal Chaco: the land and its people”, publicada na Revista Geográfica da Escócia e disponível nas redes sociais.

Retomando *Un unknown people in an unknown land*, gostaria de apresentar parte do prefácio da primeira edição do relato de Grubb, escrito em dezembro de 1910 pelo Reverendo H. T. Morrey Jones. A intenção é estimular pesquisadores brasileiros a uma investigação acerca dos discursos de Grubb.



COMENTA-SE que, na próxima década, a atenção do mundo estará voltada para a América do Sul, como esteve voltada para o Extremo Oriente. Sem dúvida, existem motivos consideráveis para essa previsão. A riqueza natural do continente é inquestionável e projetos desenvolvimentistas têm sido aplicados nos últimos anos. Mas com poucas exceções – em particular, a ligação entre a costa leste e oeste por meio da conclusão da Ferrovia Transandina

– esses desenvolvimentos estão confinados ao litoral do continente. Embora alguns de seus poderosos rios sejam navegáveis por milhares de quilômetros, grande parte das terras do interior ainda está envolta em mistério. As expedições de exploração encontraram pântanos intransitáveis e cheios de malária, florestas impenetráveis, rios in navegáveis, indígenas hostis e, assim, em grande parte, essas expedições terminaram em desastre.

Ainda existem rumores curiosos sobre a natureza e os habitantes da enorme região do interior conhecida como Chaco, que é o assunto deste relato. Esse termo foi interpretado como “esconderijo”, que, apesar de uma falsa etimologia, é, no entanto, uma descrição verdadeira dessa terra desconhecida.

Em 1889, a Sociedade Missionária Sul-Americana, da Igreja da Inglaterra, iniciou um trabalho no Chaco Paraguai, e, nas páginas seguintes, o missionário pioneiro e explorador relata suas experiências e aventuras e demonstra o resultado de estudos e pesquisas que abrange um período de vinte anos, durante o qual viveu em acampamentos dos Lengua. Barbrooke Grubb pode ser um nome pouco conhecido em sua terra natal, mas na América do Sul é reconhecido como a maior autoridade viva sobre os indígenas do Chaco.

Durante suas últimas férias, passou-me, oralmente, muitas informações de que tomei nota e, guiado pelo conhecimento que adquiri durante alguns anos no Chaco, atrevi-me a editar o presente volume.

As narrativas que seguem são quase que exclusivas dos primeiros anos de Grubb entre os Lengua. Suas aventuras extraordinárias e experiências perigosas são descritas por completo, e, penso eu, atrairão a atenção de todos os leitores. Em particular, a notável narrativa do atentado contra a sua vida, quando ele foi largado para morrer e escapou por pouco de ser enterrado vivo; e todos os incidentes de seu resgate subsequente mostram a maneira estranha como funciona a mente e o caráter do indígena, bem como a coragem e o poder de resistência de Grubb. A recuperação dos ferimentos sob essas circunstâncias difíceis foi considerada tão extraordinária que o Dr. O'Connor, o eminente cirurgião do Hospital Britânico de Buenos Aires, que o operou, lhe deu uma carta de apresentação para entregar a Sir Frederick Treves, dizendo, “ausculte, com seu ouvido cirúrgico, o peito dele”. No entanto, essa carta nunca foi entregue, pois Grubb retornou imediatamente para o Chaco.

O relato completo sobre a vida e os costumes primitivos, mitologia, superstições e feitiçarias, com todas as barbáries que as acompanham, transmitirá uma ideia das dificuldades enfrentadas por Grubb na tentativa de transformar esse povo numa comunidade civilizada e na edificação de uma igreja cristã. Faz-se referência, nas páginas seguintes, aos escritos mais importantes sobre o Chaco, “Uma história do povo Abipones”, de Dobrizhoffer, padre jesuíta, cujas descrições, embora escritas há cento e cinquenta anos, correspondem exatamente às observações feitas hoje, uma prova notável da condição estagnada dos nativos do Chaco e da persistência do arraigamento de seus costumes e superstições. A abertura de um país de grande extensão territorial e praticamente desconhecido, que tem sido resultado indireto da Missão, será importante para quem assiste com grande interesse à gradual ocupação de lugares recônditos da Terra.

Hoje, não é perigoso, para o homem branco, percorrer cerca de trezentos quilômetros em linha reta, em direção ao oeste do rio Paraguai, dentro das terras sob influência da Missão, por estradas abertas pelos missionários; enquanto que, anteriormente, pessoas que haviam adquirido terras no interior do Chaco mal ousavam inspecioná-las e, cuidadosamente, evitavam todos os rastros ou outros sinais da presença de indígenas. Onde antes, estancieiros hesitavam trabalhar em suas terras, por medo de ataques indígenas, hoje milhares de cabeças de gado podem ser vistas em cercados seguros, erguidos por indígenas que foram treinados na Missão, onde lhes foram ensinadas muitas profissões úteis. O governo católico romano do Paraguai reconheceu plenamente o valor do trabalho dessa Missão Protestante, e conferiu ao autor deste livro o título de “O pacificador dos indígenas”. Também tomou as notas geográficas dos missionários como base para um mapa oficial da região.

O leitor que simpatiza com o trabalho das missões cristãs verá os métodos práticos que têm sido adotados para dismantelar as antigas crenças e magias, e as maneiras pelas quais o trabalho médico, bem como certas áreas da educação e o treinamento, têm sido meios para a recepção do cristianismo. Outro volume que está sendo produzido pelo mesmo autor descreverá mais detalhadamente o desenvolvimento espiritual real dos Lengua.



Pode-se tecer várias considerações acerca dessas dificuldades e culto de louvor, bem como sobre o desejo ardente de desmantelamento das “antigas crenças e magias” efetivado por W. Barbrooke Grubb, que é enaltecido pelo prefaciador Morrey Jones, membro da Associação Missionária Sul-Americana.

É fato que Grubb viveu entre os Lengua; que gastou os melhores anos de sua vida no interior do chaco, mas é fato, também, que, ao mesmo tempo em que cristianizava os Lengua, deixou de fora, digo, ignorou os sentimentos, a história, a memória, os ritos, as festas etc. desse povo, e, com isso, ajudou na queda de um mundo que já enfrentava dificuldades de se manter de pé diante das adversidades próprias da vida que levavam.

Grubb exortou os Lengua da forma mais perversa possível, que é matando o que há de Lengua em um Lengua para poder nascer como uma “nova criatura”, de acordo com os preceitos do cristianismo. Grubb segue, literalmente, as palavras do apóstolo Paulo, e, assim, se valeu da mesma estratégia discursiva deste – ao pregar no Areópago para os gentios – para convencer os Lengua a mudarem de vida, a destituírem-se de si mesmos e converterem-se ao cristianismo, ou seja, submeterem-se à empreitada colonialista espiritual com vistas a “transformar esse povo numa comunidade civilizada e na edificação de uma igreja cristã”.

Tem-se em Grubb, o desmerecimento e a desvalorização das competências e habilidades do outro, de suas crenças e de sua liberdade de expressão e de pensamento. Tudo em nome do progresso, do racional, da civilidade, posto que, aos olhos do Ocidente, o capital era a luz que devia resplandecer, mesmo que fantasiada de cristianismo. O Evangelho como a única “salvação” daquelas almas pagãs, entregues ao ócio, à degeneração. Cegos em busca de uma luz, é assim que o missionário enxerga os Lengua. E o prefaciador, Hunt, aproveita-se disso para enaltecer o feito: “onde antes, estancieiros hesitavam trabalhar em suas terras, por medo de ataques indígenas, hoje milhares de cabeças de gado podem ser vistas em cercados seguros, erguidos por indígenas que foram treinados na Missão, onde lhes foram ensinadas muitas profissões úteis”.

Para muitos leitores, o trabalho missionário de Grubb pode muito bem servir como exemplo a ser seguido ainda hoje. Todavia, questiono-me se, diante de tantas mutilações, mortes físicas e espirituais, desmantelos, fúria e silenciamentos cometidos contra os povos ameríndios, ainda é válido insistir nessas “guerras culturais”, nessas ideias de salvação do

outro, posto que, pensar e procurar *salvar-se de si mesmo*, talvez seja mais louvável e digno. Salvar-se dessas práticas culturais ensinadas desde que o “velho mundo” se deparou e se espantou com o “novo mundo”. Creio que o espanto não esteja simplesmente no fato de se ver a coisa, os seres, os fenômenos, até então somente imaginados a partir de relatos de viajantes, mas, principalmente, na capacidade de voltar-se para/sobre si mesmo e espantar-se com os conceitos e categorias que nos engessam e nos condenam a não ver, de fato, essas outras formas de conceber e estar no mundo, que são as sociedades traduzidas, etnografadas e antropologizadas pelo ocidente.

Deixar de reduzir o outro a nossos próprios esquemas de pensamento não parece uma tarefa fácil e prazerosa; mas é necessária, se se quiser conhecer o outro e, desse conhecimento, refletirmos sobre a validade de nossas práticas discursivas. Não uma reflexão sobre uma alteridade, mas, *com* essa alteridade, o que significa “diálogo com” o outro, como pontuam teóricos pós-colonialistas e outros. Contudo, isso jamais poderá acontecer se não nos despiremos de nossa roupagem ocidental, dessas vestes costuradas com agulhas e linhas do velho Iluminismo, e, manuseadas por preconceituosos deploráveis que, guiados pela “luz da razão”, afastam qualquer demonstração de afeto, sensibilidade e emoção, quando têm a oportunidade de “encontrar-se” com outras sociedades, e, obviamente, outros mundos.

REFERÊNCIAS

BRIDGE, E. Lucas. *El último confín de la Tierra* [Uttermost part of the Earth]. Trad. Elena Cruz Schwelm. Buenos Aires: Emecê Editores, 1952.

DAVIDSON, J. Norman. *Barbrooke, the pathfinder*. London: Seeley & Co. Limited, 1932.

GOLDMAN, Márcio. *Razão e diferença: afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

GRUBB, W. B. *Un unknown people in an unknown land*. London: Seeley & Co. Limited, 1911.

_____. *A church in the wilds*. London: Seeley & Co. Limited, 1925.

_____. *Among the Indians of the Paraguayan chaco: a story of missionary work in South America*. London: Charles Murray & Company. 1904.



_____. “The Chaco Boreal: the land and its people”, *Scottish Geographical Magazine*, 16:7, 418-429. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00369220008733172>. Acessado: 20.01.2020.

_____. “The Paraguayan Chaco and its Possible Future”. *The Geographical Journal*. 1919. V.54 N.3

HUNT, R. J. *The Livingstone of South America*. London: Seeley & Co. Limited, 1934.

SIFFREDI, Alejandra & SPADAFORA, Ana Maria. “De misioneros y etnógrafos equivocados, supersticiones y dilemas frente a la diferencia cultural”. *Florianópolis: Revista de Ciências Humanas*. Vol. 16, N. 24, p. 09-27, outubro de 1998.